

Em qualquer hora, em qualquer lugar, ~ em qualquer missão

Marcelo Rech*

Confesso que já virou quase um ritual. Estoura uma crise no Oriente Médio, o solo se derrete no Haiti, um furacão ameaça devastar New Orleans, e a minha primeira reação é pensar: “Onde está o Rodrigo Lopes?”.

Rodrigo está onde os melhores e mais arrojados jornalistas devem estar: sempre pronto para qualquer missão, em qualquer lugar, a qualquer hora, em qualquer situação. Nunca deixei de alcançá-lo em minutos por telefone ou e-mail. Rodrigo está permanentemente conectado ou ao alcance de uma conexão – outra diferença fundamental para quem vive de extrair seu ganha-pão em meio a um turbilhão de fatos e notícias que se sucedem incessantemente.

A pergunta não é muito original:

– Rodrigo, estás pronto para embarcar?

A resposta, igualmente, contém poucas variações.

– Só preciso arrumar uma mochila. A que horas? Vamos lá!

Rodrigo faz parte de uma reduzida legião de profissionais: aqueles que desejam entrar em um lugar de onde todos querem sair. Tais jornalistas não são movidos por vaidade, dinheiro ou 15 minutos de fama. O que os guia para frente – e me sinto tão familiar com este sentimento – é o desejo de fazer diferença e, admita-se, ser

testemunha privilegiada da História. É uma regalia única, uma bênção, uma sensação de que, aconteça o que acontecer, nunca ou nada vai tirar esta experiência de sua vida, e que ela, de alguma forma, vai fazer parte de sua genética, transmitindo-a de geração em geração.

Quem já viveu o momento sabe o que é isso. Ao final de uma cobertura, depois de bater a poeira, respirando aliviado ao se acomodar em um avião que o conduzirá de volta à base, vem a recompensa maior: a convicção de que, ao nos desdobrarmos para extirpar retalhos de um cotidiano distante e transportá-los a milhares de quilômetros, de alguma forma contribuímos para que aquelas imagens que ficaram para trás sejam menos duras e que os dramas sejam superados mais rapidamente.

Esta espécime de *Homo journalisticus* não se forja somente nas terras em abrasão. Em meu livro sobre mais de duas dezenas de coberturas internacionais, “Enviado Especial – Passageiro da História”, reforço a relevância da escola do buraco de rua. Grandes repórteres não são apenas aqueles que cobrem grandes histórias: são aqueles capazes de extrair grandes matérias de situações corriqueiras. Eles não obedecem aos espaços determinados por editores – com ângulos inesperados, abordagens criativas e narrativas atraentes, rebelam-se contra pautas, previsões e orientações burocráticas. A força de suas matérias obriga editores – aqueles com um mínimo de sensibilidade, ressalve-se – a abrir espaços e a se engajar, eles também, na oportunidade de fazer bom jornalismo que se abre diante de si.

Correspondentes que saltam de uma catástrofe para outra, que estão em uma guerra hoje e outra daqui a uma semana, costumam, com o passar do tempo e das tragédias, a considerar momentos históricos parte da vida. O olhar tende a ficar preguiçoso, insensível, com uma sensação de déjà vu que antecede a morte da percepção jornalística, da capacidade de se espantar e de se indignar. Os melhores repórteres não refugam: nem para cruzar a fronteira da Líbia em guerra civil e nem para descobrir a história por trás da escolinha de periferia que está caindo aos pedaços. As duas podem ser grandes

matérias: é o talento do repórter que determinará a dimensão delas. Rodrigo desvia-se do excesso de adrenalina recarregando-se com a visão do buraco de rua. Seja em suas belas matérias na cobertura diária na RBS TV Porto Alegre, seja nas colunas de Zero Hora, nos comentários na Rádio Gaúcha ou no blog no ClicRBS, Rodrigo faz de sua atividade diária um exercício de jornalismo de primeira que será vital assim que respirar o ar de terras estranhas.

Os enviados especiais ao fim do mundo ou onde o mundo parece estar tendo um fim guardam semelhanças fundamentais com seus predecessores, mais de 150 anos atrás. Além da ânsia de capturar a história cruzando a frente, suas personalidades guardam inclinações para a aventura e para a capacidade de se desembaraçar de situações intrincadas. Estas ocasiões não são glamourosas. Atrasos em conexões aéreas, dificuldades com obtenção de vistos e burocratas de escalões diversos ou até discussões com motoristas de táxi que querem saquear a carteira do repórter em geral causam mais tormentos a um enviado especial do que a turbulência em si.

Outra semelhança: correspondentes do século XIX ou do século XXI, como Rodrigo, também se movem por cenários parecidos, nos quais governos e populações locais podem ser aliados ou um temível inimigo da informação correta, sobretudo em momentos de conflito armado nos quais as paixões se aguçam e enviados estrangeiros são apanhados no redemoinho de desinformações. Além disso, tanto no passado como hoje, os correspondentes são testemunhas pagas para relatar, com independência e olhar próprio, o que se passa em uma terra longínqua. Eles são o escalão avançado do público, alguém que um veículo de comunicação despacha a uma terra distante para transmitir informações exclusivas, visões diferenciadas e percepções peculiares de um fato que galvaniza o mundo.

Quando um meio de comunicação investe em enviados especiais, o material padronizado das agências noticiosas é substituído por uma retribuição da deferência do público ao veículo. Por isso, ao chegar a uma terra distante, o enviado passa a ser um representante deste

público na História. Leitores, ouvintes, telespectadores, internautas sentem que aquele veículo está fazendo um esforço para atender seu interesse de forma diferenciada e retribuem com sua audiência e interesse.

Foi por isso que correspondentes passaram a ser deslocados, há um século e meio, e continua sendo assim. Mas um fator crucial diferencia Rodrigo de seus congêneres de 150, 100 ou 50 anos atrás. Rodrigo transita por todas as mídias, do jornal impresso ao twitter, com a naturalidade de quem entra e sai de um cômodo da própria casa. Ao ser onipresente em jornal, rádio, TV e web, ele expande dramaticamente os horizontes de sua cobertura. A intensa atuação multimídia é uma das marcantes características de Rodrigo, que escreve bem, fala bem na rádio e atua bem em TV, sem contar que faz vídeo, fotografa e blogueia freneticamente.

Ser um jornalista completo assegura que uma viagem de Rodrigo nunca passará despercebida. Mas não basta abastecer todas as mídias: Rodrigo gerencia como poucos em campo a complementaridade entre plataformas. Notícias instantâneas na rádio, um tom intimista no blog, imagens e textos de impacto na TV, uma narrativa mais elaborada e interpretativa para o jornal. Assim, em vez de se anularem, as plataformas se realimentam dos conteúdos transferidos por Rodrigo – e leitores, telespectadores, ouvintes e internautas são contemplados com uma cobertura de alta qualidade e diversidade.

Mesmo um jornalista com dom multimídia não sobreviveria ao tipo de cobertura que Rodrigo faz se outro traço não estivesse presente o tempo todo: a ética sobre a qual Rodrigo assenta sua curiosidade, sua vontade de saber, ver e contar. Correspondentes formam uma tribo muito seletiva, na qual a moeda de troca em campo é a solidariedade entre enviados. Na fornalha de uma cobertura em terras inquietas, o repórter que deixa na mão o colega em apuros está fadado ao desterro. Idem para quem expõe desnecessariamente entrevistados e fontes, muitas vezes sujeitos à ira de um regime ditatorial. Na consciência dos correspondentes de guerra e tragédias, já

basta o peso de saber que, diferentemente daquele soldado ou refugiado diante de si, o repórter pode sair dali a qualquer momento e voltar à segurança e ao aconchego de um hotel ou redação.

Por tudo isso, os grandes correspondentes não colecionam apenas coberturas. Eles guardam também grandes memórias e momentos únicos que nem sempre são divididos com o público no fragor do trabalho em campo. Com seu natural talento para contar histórias, é isto que Rodrigo Lopes faz agora. A narrativa a seguir tem o raro dom de desmistificar o estereótipo de super-heróis da reportagem atribuído a correspondentes. Rodrigo divide conosco também os percalços, ironias e angústias que permeiam a vida dos enviados especiais. Sofremos, rimos e viajamos com Rodrigo. É, como sempre, bom jornalismo deste membro destacado da legião dos correspondentes.

Prontos para embarcar?

* Diretor de Produto do Grupo RBS, o jornalista Marcelo Rech é autor do livro "Enviado Especial – Passageiro da História", onde narra algumas das mais de duas dezenas de coberturas internacionais pelo jornal Zero Hora, de Porto Alegre. Como repórter, testemunhou episódios marcantes do final do século XX, como a Guerra dos Balcãs e a invasão do Kuwait pelas tropas de Saddam Hussein, entre outras crises internacionais.

O MUNDO QUE EU VI

Porto Alegre, agosto de 2011

Há um aspecto curioso na *Odisséia*, de Homero: esteja onde estiver, Ulisses, talvez um dos primeiros errantes repórteres deste mundo, sempre é bem recebido. Dizem que isso acontecia porque, naqueles tempos, não se sabia se o recém-chegado do Exterior era um homem ou um deus, ou talvez, um enviado de um dos habitantes do Olimpo. Por esse ângulo, o hóspede adquiria um *status* especial. As pessoas demorariam séculos para aprender as diferenças entre homens e deuses. Há algo nesse tipo de relação que o jornalista polonês Ryszard Kapuscinski afirma se manter até hoje. Uma vez acolhido pela população local, em uma vila ou comunidade, o enviado especial sabe que pode dormir tranquilo: nada vai lhe acontecer de mal. Não porque os anfitriões tenham medo. Ao receberem o forasteiro, normalmente solitário, com um colete de jornalista de vários bolsos e uma mochila cheia de equipamentos eletrônicos, os nativos tornam-se senhores de sua situação: são eles que decidem se aceitam ou não o estranho, se o expulsam ou permitem, por alguns dias, que ele compartilhe sua rotina. Ao sermos embuídos da missão de enviados especiais, somos nós, os recém-chegados, quem devemos pedir aos moradores que nos permitam entrar em sua comunidade, cidade ou país. Para nossa sobrevivência, precisamos estabelecer

uma rápida relação de confiança – às vezes, não ficaremos ali mais do que algumas horas. E quando essa teia invisível se estabelece, ainda que superficial, a convivência nos livra de todos os medos.

Costumo viajar com uma câmera fotográfica porque adoro fotografar, captar o momento exato da emoção – imagens que, posteriormente, no quarto do hotel, me ajudam a lembrar os cheiros, as cores, os sentimentos, recompor a atmosfera. Evito usar gravador. A experiência me ensinou que, colocadas diante de um microfone, as pessoas falam de outra maneira e formam seus pensamentos aliados do que realmente pensam. Perdem sua originalidade. A câmera de vídeo muitas vezes a usei não apenas para capturar o momento, mas para me afastar dele. O visor tem uma estranha capacidade de filtrar a dura realidade, distanciar-me de cenas dantescas: mortos espalhados para cada lado que eu virava o rosto, em Porto Príncipe, após o terremoto de 2010, imagens que talvez eu não conseguiria enxergar a olho nu. A câmera me protege, ou pelo menos amortece o meu pavor.

Recolher histórias, para mim, significa, sobretudo, chegar ao âmago das pessoas. Para isso, tento ser discreto para que meu interlocutor se revele o mais natural possível. Por isso, é tão importante ouvir. Não apenas ver ou falar, mas ouvir. Não somente o que dizem, mas como dizem. Situações, gestos, cores, cheiros, formas também constituem linguagem. As informações chegam até nós não só por meio de palavras, mas também pela paisagem que as envolvem, a atmosfera, o comportamento das pessoas. Tudo o que nos rodeia fala, na verdade, grita.

Ao trabalhar em países nos quais não conheço o idioma, fui obrigado a aprender a traduzir os sinais. Com o tempo – e os anos – somos capazes de descobrir métodos alternativos de percepção da realidade, não necessariamente a palavra falada ou escrita. Escrevo sobre aquilo que encontro na viagem. Não sou ficcionista. Não falo de mundos imaginários, tampouco do meu próprio mundo. Descrevo o mundo real, tal como o testemunho.

Há muitos anos não acredito no chamado jornalismo objetivo, de relatos frios e textos que são nada mais do que amontoados de datas e estatísticas, desprovidos de emoção, assépticos. Ora, o jornalismo é o templo da subjetividade. Tenho ressalvas de me incluir explicitamente nas reportagens, mas diante de tamanhas catástrofes que os meus olhos viram ou momentos de glória da democracia e do mundo livre, testemunhando a História ser escrita à minha frente, não encontrei melhor maneira de transmitir a meus leitores esses episódios, senão pelos meus próprios sentimentos: o cheiro de pólvora que senti no norte de Israel; o medo no meio do deserto líbio; a claustrofóbica dúvida de ficar mais um dia ou pedir para sair da embaixada brasileira sitiada em Honduras. São sentimentos que, imagino, não apenas devem, como obrigatoriamente têm de estar em uma reportagem. Cada texto é o meu eu por inteiro. Não posso renegar aos leitores o que vivi e senti. Seria furtá-los de praticamente metade da história.

Apesar de ter grandes parceiros de reportagem, fotógrafos e cinegrafistas, amizades forjadas na cumplicidade do front, a maioria das coberturas que relato neste livro as fiz sozinho. Muitas vezes o que me manteve de pé deveu-se a uma mágica sensação que se estabelece entre o enviado especial e o seu público: o repórter em terras distantes, vendo, sentindo, ouvindo a realidade para o leitor, que, longe do fato, tem o direito de receber a informação, emocionar-se ou não, criticar ou não, interpretar segundo seus próprios valores, sim. E quantos foram os e-mails, mensagens que recebi, muitas vezes no meio da madrugada, solitário no hotel, de leitores dizendo que, por meio de meus relatos, sentiram-se em um posto de fronteira, em uma batalha, em um vilarejo. O jornalista Ricardo Stefanelli, diretor redação de Zero Hora, a quem tive a honra de ter como um dos mestres, costuma dizer que a primeira missão de um jornalista em viagem é conduzir o leitor pela mão, como se estivessem juntos na jornada. Assim fazendo, leva milhares de pessoas a lugares que, provavelmente, nunca conseguiriam ir ou teriam dificuldade de alcançar

por conta própria. Não há melhor reconhecimento a um contador de histórias, garanto, do que sentir quando essa mágica acontece.

Um dos mantras do jornalista Marcelo Rech, outro mestre da escola dos correspondentes, é que a viagem para uma cobertura jornalística, seja local, nacional ou internacional, exclui toda e qualquer característica de excursão turística. Quantas vezes entrei e saí da Praça de São Pedro, no Vaticano, sem uma foto sequer para guardar de recordação. Durante 12 dias, a caminho da fronteira com a Líbia, cruzei de carro uma estrada dezenas de vezes, sem saber que estava ao lado de relíquias romanas na Ilha de Djerba, na Tunísia. Estive em Damasco, mas nunca visitei sua grande mesquita. Os hotéis, sim, em alguns momentos fiquei nos melhores, em um contraste incrível com turistas em férias, divertindo-se na piscina ou jantando iguarias locais no restaurante, enquanto eu estava, muitas vezes sem comer havia 24 horas, por causa da maratona da cobertura, com prazo exíguo para enviar vídeos, textos e fotos para a redação. É inquietante muitas vezes saber que o lugar que piso em uma cobertura talvez nunca mais volte a ver. E, no entanto, às vezes, tenho apenas poucos minutos para conhecê-lo. Escasso tempo para ver, reparar, cheirar, ouvir, sentir, fotografar com a máquina e com a retina o ambiente para reproduzi-lo depois.

Para viajar nessas condições – e ainda gostar –, reconheço, é preciso uma paixão que nem todos têm. E nem precisam ter.

Quando estudantes de jornalismo me perguntam como devem se preparar para serem correspondentes no Exterior, uso uma frase que ouvi certa vez do jornalista Luiz Antônio Araújo, de Zero Hora. Eu mesmo o fiz essa pergunta, no momento em que ele se preparava para embarcar para a Ásia Central, para cobrir os episódios subsequentes ao 11 de setembro de 2001, a Guerra no Afeganistão:

– A gente se prepara a vida inteira para um momento como este – ele me disse.

É verdade. Ao ser avisado de que iremos embarcar para uma cobertura nos confins do Oriente, nos grotões da África ou América

Latina normalmente não temos tempo para ler tudo o que gostaríamos sobre o assunto, absorver ensinamentos de reportagens escritas anteriormente ou sair alugando DVDs de documentários. São poucas horas, suficientes apenas para organizar a mala, equipamentos, pegar os dólares na redação e se despedir de alguns poucos familiares – infelizmente, não todos.

A gente se prepara a vida inteira. Todos os conceitos, experiências, aquilo que você ouviu certa vez de um professor de Geografia, História, no colégio, suas emoções, capacidade de estar aberto ao diferente, empatia, tudo estará em jogo. Kapuscinski escreveu alguns requisitos para ser um repórter internacional, com os quais concordo: ter boa saúde, resistência psíquica, curiosidade pelo mundo, conhecer línguas estrangeiras, saber viajar, ser aberto a outras pessoas e a outras culturas, sentir paixão por esse trabalho e, finalmente, tentar passar tudo pelo crivo da reflexão. Também, ele adverte, é uma profissão dura, às vezes extremamente perigosa, e que desgasta tanto que pode chegar a provocar estragos na pessoa que a exerce.

Estar “perto”, no “centro”, vira quase uma obsessão. De todas as grandes reportagens que já li, as que mais admiro não foram escritas à margem da ação, mas sim os relatos de testemunhas oculares, que seguiam, cada um a seu jeito, o conselho do célebre fotógrafo de guerra Robert Capa, que dizia: “Se as suas fotos não são boas o suficiente é porque você não está perto o suficiente”.

Com os textos ocorre o mesmo. Nunca me arrisquei gratuitamente. Mas algumas vezes fui empurrado pela obsessão de estar no epicentro dos acontecimentos. Não sei fazer reportagem de hotel, apenas acompanhando o que a CNN exhibe pela televisão. Meu negócio é pisar no barro, ver. Em momentos de risco, no calor dos acontecimentos, não se pensa que se pode morrer, apenas em como chegar, entrar, observar. Testemunhar. Só depois vem a reflexão.

Após 14 horas de viagem até Nalut, na Líbia, cheguei exausto de volta ao hotel em Djerba, na Tunísia. Havia cumprido a missão de entrar no país de Muamar Kadafi. Eu estava radiante. Fora uma

incursão de sete horas no país, sem condições de permanecer: não havia sinal de telefone ou internet, e nada pior do que um correspondente dos dias de hoje do que ter nas mãos a melhor história sem poder contá-la. Ao ligar o computador, no quarto do hotel, recebi um recado do colega Andrei Netto, do jornal O Estado de S. Paulo. Por razões de segurança, ele não informava sua localização em território líbio. A mensagem vinha por meio de um e-mail enviado por outro colega de Zero Hora, o repórter Humberto Trezzi.

“Sei que pode ser tarde, mas manda o Rodrigo avaliar muito bem, muito bem mesmo, a sua ida a Dehiba. Segundo as informações que eu tenho, jornalistas do Corriere della Sera foram roubados e espancados por “passadores” tunisianos. Outros decidiram não entrar pela fronteira por causa da insegurança. Me parece que uma equipe francesa passou e estaria em Nalut, mas o exército está reforçando posições e pode atacar a cidade a qualquer momento. Não é o melhor momento de tentar passar por ali, velho.”

Só então caiu a ficha, o risco. Veio o medo. São momentos como esse, de tormentas, que nem sempre são contados no dia a dia da cobertura jornalística, que pretendo dividir com você, leitor, nas páginas a seguir. Bastidores de viagens, momentos de extrema pressão interna e externa, em que uma ligação a mais no telefone poderia garantir uma entrevista exclusiva. Passos atrás que foram determinantes para não ser capturado por tropas regulares ou irregulares, exércitos constituídos formalmente ou rebeldes. Recuos e avanços que me permitiram muitas vezes estar no centro dos acontecimentos e narrar, de um lugar privilegiado do fim do mundo, a História.

Minha primeira cobertura internacional foi a eleição na Argentina, em 2003: de um lado, o então desconhecido Néstor Kirchner; de outro, o velho *homo politicus* Carlos Menem. No entorno, um país arremessado, da noite para o dia, na pior crise política e institucional de sua história. Foi naquela viagem que ousei estabelecer um modo de trabalhar que se tornaria, anos depois, conhecido

como jornalismo multimídia. No quartel general menemista, o Hotel Presidente, em Buenos Aires, entrei pela primeira vez ao vivo para a Rádio Gaúcha, mesmo tendo sido encarregado apenas de uma cobertura para jornal. Passei a acreditar que a melhor forma de minha mensagem chegar ao destino é usar as diferentes plataformas de comunicação de maneira complementar. A base de qualquer reportagem é o conteúdo. Um bom texto será sempre um bom texto. Um texto ruim será sempre um texto ruim. Independentemente da mídia.

Você vai encontrar neste livro momentos em que tive vontade de desistir, em que me perguntei porque diabos escolhi esta profissão-sacerdócio. Debaixo de um bombardeio de foguetes Katiusha, no norte de Israel, meus joelhos fraquejaram, tive vontade de dobrá-los e deixá-los cair ao chão, diante do ruído ensurdecedor das armas do Hezbollah.

Todos sentimos medo, mesmo que não o admitamos. É parte inerente do ser humano e, eu diria, anjo da guarda dos repórteres. É ele que nos impede de avançar – de sermos varridos por uma saravada de balas de um AK-47 ou fulminados por morteiros. A diferença é como lidamos com ele. O medo não pode ser paralisante, a ponto de você não conseguir se mover, sair do hotel. Tampouco, inexistente, que, combinado com a adrenalina do momento, o leva a cometer atos pseudo-heróicos – e à morte. Na maioria das vezes, os riscos são calculados dentro de um espectro que só o repórter no front tem capacidade de perceber. Qual a chance desta estrada estar minada por tropas que coloquem sua segurança em risco? Qual chance de eu ser sequestrado por esses rebeldes que, à primeira vista, se mostram tão receptivos? Quando avançar, até onde caminhar? Feliz ou infelizmente, confesso que vamos ficando mais reféns do medo com a idade. Sigo acreditando que nenhuma reportagem vale a vida do repórter. Embora acredite que, no calor dos acontecimentos, esta frase é mais bonita na teoria do que na prática.

Embora tenha minha memória encharcada por situações de horror, como no Haiti, no Líbano e na Líbia, também houve momentos de êxtase: o funeral de João Paulo II, enquanto a multidão de fiéis exigia: *Santo Subito!* (Santo, já!); a eleição de um papa em pleno século XXI, segundo rituais que remontam aos primeiros cristãos; o primeiro presidente negro da história americana.

Sou apaixonado pelas diferentes culturas, tribos, clãs. Uma aventura de descobrir que nasceu de uma brincadeira. Aos sete anos, enquanto meus colegas de escola disputavam a jogo de bafo as figurinhas dos jogadores do Campeonato Brasileiro de futebol, eu me esmerava em completar um álbum com as bandeiras dos países. Logo abaixo de cada figurinha, o colecionável trazia informações sobre a respectiva nação: capital, população e PIB. Durante anos, brincar de adivinhar o país e sua capital foi meu passatempo preferido. Completei o álbum, meu primeiro atlas, e até hoje o tenho – pelo menos a parte dele que não se esfarelou pelas traças. Ficaram algumas poucas figurinhas-bandeiras, aquelas cuja cola resistiu à deterioração química dos anos, que a faz perder suas forças. Como a nós, os animais, humanos ou não. O fato é o que o álbum de países me despertou a curiosidade pelo mundo, histórias, gentes.

Como adulto, admito, até hoje de vez em quando desafio alguém a dizer a capital de uma determinada nação. Mas o mundo mudou. O meu e o que eu conheci. Muros caíram, mas a divisão entre alguns povos só aumentou. Fronteiras avançaram, recuaram e avançaram de novo. Aliados de grandes potências viraram inimigos de morte. E adversários passaram a ser amigos incondicionais. Líderes históricos morreram, outros nasceram. E, nesses anos todos, alguns países que colecionei no álbum de figurinhas descolaram do mundo real, nem existem mais.

Boa leitura!